

3708
AGOSTO 1984

A BLANCA



**A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS
DIAS**

A Primeira Presidência

Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:

Ezra Taft Benson
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packner
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell
Russell M. Nelson
Dallin H. Oaks

Comitê de Supervisão:

M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee

**Executivo do
International Magazine:**

M. Russell Ballard,
Editor;
Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gilling,
Desenhista

Executivo de A Liahona:

José Maria Carleto,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção



A LIAHONA

HISTÓRIAS E DESTAQUES

Mensagem da Primeira Presidência: "E a Maior Destas É a Caridade",
Presidente Gordon B. Hinckley 1

Perguntas e Respostas: "O Significado do Termo Rocha nas Escrituras", *Robert J. Matthews* 7

Perguntas e Respostas: "Linhagem Prolongada",
Robert C. Gunderson 9

O Serviço Faz a Diferença - Entrevista com a Presidência Geral da Sociedade de Socorro 11

Ver Além da Categoria,
Jan Underwood 16

Quando Meu Mestre Familiar Telefonou, *Robert K. McIntosh* 20

O Testemunho de um Apóstolo,
Élder Howard W. Hunter 22

Quando o Senhor Transformou Meu coração, *Violet M. Tate* 27

Quinze Anos: Meu Ano de Bênçãos, *Brenda Martinez* 31

O Verdadeiro Serviço Cristão É Raramente Cômodo,
Élder Vaughn J. Featherstone 34

Como Meu Diário Ajudou em Minha Conversão,
Stella Marie McAnnaly 39

SEÇÃO INFANTIL:

Jed e o Rio, *Telma J. Harrison* 1

Bichano de Papel, *Tammy Lunt* 5

Seja um Bom Exemplo, *Pat Graham* 6

Ligue os Pontos, *Roberta L. Fairall* 8

Labirinto de Rodamoinho,
Roberta L. Fairall 8

Capa O Salvador e o Jovem Rico
Pintura de Heinrich Hofmann. Fotografia de Eldon K. Linschoten

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 1.500,00** para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa. Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300, para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr\$ 150,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: H&M Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 6º andar. Fone 289-7279. Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241. Fone 276-8222 - Jardim da Saúde, São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem vindas as colaborações para a apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277

E A MAIOR DESTAS É A CARIDADE



*Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência*

Desejo falar-lhes sobre uma coisa pela qual todos ansiamos, da qual todos precisamos e sem a qual o mundo pode tornar-se um lugar desolador. Estou falando do amor.

O amor é a verdadeira essência da vida. É do amor que provém a beleza que arqueia sobre o céu num dia tempestuoso. O amor é a segurança pela qual as crianças choram, é o desejo da juventude; é o cimento que solidifica o casamento e o óleo homogeneizador que evita atritos no lar; é a paz da velhice, a luz do sol de esperança brilhando através da morte. Quão ricos aqueles que dele desfrutaram em seu relacionamento com a

família, amigos, membros da Igreja e vizinhos.

Acredito que o amor, assim como a fé, é um dom de Deus. Concordo com a expressão que diz: "Amor não pode ser forçado" (Pearl Buck, em *The Treasure Chest*, ed. Charles L. Wallis, New York: Harper and Row, 1965, p. 165.)

Na juventude, às vezes desenvolvemos idéias errôneas sobre o amor; que ele pode ser imposto ou simplesmente criado por conveniência. Li o seguinte na coluna de um jornal, alguns anos atrás:

"Um dos grandes erros que tendemos a cometer, quando jovens, é supor que uma pessoa é uma coleção de

O maior desafio que enfrentamos em nossa vida apressada e egocêntrica é o de seguir o conselho do Mestre.

qualidades, e, somamos as qualidades boas e más do indivíduo como um contador operando sobre débitos e créditos.

Se o balanço é favorável, podemos decidir-nos a negociar (contrair matrimônio). O mundo está cheio de homens e mulheres infelizes que se casaram por lhes parecer ser um bom investimento.

O amor, contudo, não é um investimento, e sim uma aventura. E quando o casamento passa a ser tão monótono e cômodo como um bom investimento, o parceiro insatisfeito logo se afasta e procura outra coisa...

"As pessoas ignorantes estão sempre dizendo: 'Fico imaginando o que ele (ou ela) vê nele (ou nela)', não percebendo que o que ele (ou ela) vê nela (ou nele), e ninguém mais pode ver, é o ingrediente secreto do amor." (Sidney J. Harris, *Deseret News*.)

Lembro-me de dois amigos de meu tempo de colégio e universidade. Ele era um rapaz do interior, de presença modesta, sem dinheiro e aparentemente nada promissor. Fora criado numa fazenda, e, se tinha uma qualidade cativante, era a sua capacidade de

trabalhar. Trazia sanduíches embrulhados num saco de papel marrom para o almoço e varria o chão da escola para pagar os estudos. Mas, com toda essa sua aparência rural, tinha um sorriso e uma personalidade que transpiravam bondade. Ela era uma moça da cidade que vinha de um lar confortável. Não tinha beleza de uma "miss", mas era uma moça decente, íntegra e atraente com suas boas maneiras e modo de vestir.

Algo de maravilhoso aconteceu entre eles: apaixonaram-se. Algumas pessoas comentavam que havia vários outros rapazes mais promissores para ela, e um ou dois bisbilhoteiros falavam que talvez houvesse outras garotas interessadas nele. O casal, porém, passou os anos de escola rindo, dançando e estudando juntos. Casaram enquanto as pessoas se perguntavam como conseguiriam ganhar dinheiro suficiente para sobreviver. Ele empenhou-se nos estudos profissionalizantes e saiu-se bem. Ela economizava dinheiro, trabalhava e orava, incentivando e apoiando-o e, quando as coisas estavam realmente difíceis, dizia calmamente:

"Conseguiremos resolver isto de alguma forma." Ele venceu esses anos difíceis, incentivado pela fé que ela depositava nele. Vieram os filhos, e, juntos eles os amaram, sustentaram e deram-lhes a segurança nascida do amor e lealdade mútua. Agora, muitos anos se passaram. Os filhos estão crescidos e são motivo constante de honra para eles, para a Igreja e para a comunidade em que moram.

Lembro-me de vê-los num avião enquanto retornava de uma designação da Igreja. Descendo pelo corredor na penumbra da cabine, vi uma mulher de



cabelos grisalhos, cochilando com a cabeça descansando sobre o ombro do marido. A mão dele segurava carinhosamente a dela. Ele estava acordado e reconheceu-me. Ela acordou e conversamos. Estavam voltando de uma convênção onde ele se apresentara perante uma sociedade erudita. Ele pouco comentou a respeito, mas ela falava orgulhosamente das honras que recebera.

Gostaria de ter fotografado aquele seu olhar, enquanto falava dele. Há quarenta e cinco anos, pessoas pouco perspicazes perguntavam o que eles viam um no outro. Pensei nisto enquanto voltava para meu lugar no avião. Seus amigos daquele tempo viam apenas um rapaz do campo e uma garota sorridente com sardas no nariz. Entretanto, aqueles dois

encontraram um no outro amor e lealdade, paz e fé no futuro.

Alguma coisa divina florescera neles, plantada ali pelo Pai Celestial. Durante o tempo de colégio, viveram dignos daquele florescimento de amor. Viveram com virtude e fé, apreciação e respeito para consigo mesmos e mutuamente. Nos anos de difíceis problemas profissionais e econômicos, encontraram sua maior força terrena no mútuo companheirismo. Agora, na idade madura, estavam encontrando juntos paz e sereno contentamento. Além disso, estavam seguros de uma união feliz para a eternidade, através dos convênios do sacerdócio celebrados e das promessas recebidas na Casa do Senhor.

Há outras expressões grandes e necessárias do dom do amor.

Para o mundo ser melhorado, o processo de amar deve operar mudanças no coração dos homens.

“E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo:

“Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

“E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

“Este é o primeiro e grande mandamento.

“E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

“Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.” (Mateus 22:35-40.)

Quem é o meu próximo? Para responder a isto basta ler a comovente parábola do Bom Samaritano, (ver Lucas 10:30-36) ou a palavra do Senhor concernente ao dia do julgamento, quando o Rei dirá “aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

“Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

“Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com

fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

“E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? Ou nu, e te vestimos?

“E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

“E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:34-40.)

O maior desafio que enfrentamos em nossa vida apressada e egocêntrica é o de seguir o conselho do Mestre. Anos atrás, li a história de uma jovem que fora lecionar numa área rural. Entre os alunos de sua classe, havia uma garota repetente que estava para ser reprovada de novo. A aluna não conseguia ler. Vinha de uma família sem recursos para levá-la a uma cidade grande e submetê-la a exames médicos para determinar se havia algum problema com ela que pudesse ser corrigido. Percebendo que a dificuldade de aprendizagem poderia ser causada pela deficiência de visão da garota, a jovem professora arranhou meios de levar a aluna, às suas próprias custas, a fazer exames oftalmológicos. Foi descoberto, então, um problema que poderia ser corrigido com óculos. Logo, um novo mundo desvendou-se a ela. Pela primeira vez na vida, ela via claramente as palavras em sua frente. O salário daquela professora rural era pequeno, mas a despeito do pouco que tinha, fizera um bom investimento que mudou completamente a vida de uma aluna repetente; e, ao fazê-lo, encontrou uma nova dimensão em sua própria vida.

Todo ex-missionário pode contar experiências pessoais sobre perder-se a si mesmo no serviço ao próximo, descobrindo ter sido aquela a experiência mais recompensadora de sua vida. Cada

membro da Igreja envolvido ativamente no serviço a Deus e ao próximo pode contar histórias similares, assim como pais devotados e cônjuges que têm dado de seu tempo e recursos, amado e se sacrificado a ponto de sua dedicação praticamente não conhecer limites.

O amor é a única força capaz de eliminar as diferenças entre pessoas e sanar relacionamentos abalados pelo ressentimento.

Ele, que tão maravilhosamente ensinou esta verdade eterna, era o Filho de Deus; o único exemplo perfeito para nós e irrepreensível mestre do amor. Sua vinda à terra foi uma expressão do amor de seu Pai.

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

“Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” (João 3:16-17.)

O Salvador falou profeticamente desse sacrifício e do amor que culminou com seu sacrifício expiatório, quando declarou: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” (João 15:13.)

A todos nós, que seríamos seus discípulos, deu o grande mandamento: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros: como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.” (João 13:34.)

Para o mundo ser melhorado, o processo de amar deve operar mudanças no coração dos homens. Isto pode acontecer quando olhamos além de nossos próprios interesses, para dar o nosso amor a Deus e ao próximo, e, assim fazemos de todo nosso coração, de



toda nossa alma e de todo nosso pensamento. (Ver Mateus 22:37.)

O Senhor declarou em revelação moderna: “E se os vossos olhos estiverem fitos só na minha glória, os vossos corpos se encherão com luz, e em vós não haverá trevas.” (D&C 88:67.)

Olhando com amor e gratidão para Deus, enquanto o servimos com os olhos fitos só na sua glória, não haverá em nós as trevas do pecado, as trevas do egoísmo, as trevas do orgulho. Ali brotará um amor elevado por nosso Pai Eterno e por seu Filho Amado, nosso Salvador e nosso Redentor. Desabrochará uma consciência maior do serviço voltado para nossos semelhantes, de pensar menos em si próprio e mais em estender a mão ao próximo.

Este princípio do amor é a essência

básica do Evangelho de Jesus Cristo. Excluindo-se o amor a Deus e ao próximo, resta muito pouco a nos ser recomendado pelo evangelho como um modo de vida.

Paulo, o apóstolo, disse muito bem:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.

“A caridade nunca falha: mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá.” (I Coríntios 13:1-2, 8.)

O Mestre ensinou: “Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará.” (Lucas 9:24.) Esse notável e miraculoso processo ocorre em nossa própria vida, quando procuramos servir ao próximo com amor.

Cada um de nós pode, através de seu empenho, obter bom êxito ao plantar profundamente em seu ser o princípio do amor, de modo que nossa vida seja sustentada por seu grande poder. À medida que penetrarmos no poder do amor, compreenderemos a grande verdade escrita por João: “Deus é caridade; e quem está em caridade está em Deus.” (I João 4:16.) ★

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos de Destaque. Você poderia discutir estes pontos em sua visita de mestre familiar.

1. O amor é a segurança das crianças, o desejo da juventude, o cimento que

solidifica o casamento, é o que evita atritos no lar; é a paz da velhice, o raio da esperança brilhando através da morte.

2. O amor é a única força capaz de eliminar as diferenças entre pessoas e sanar relacionamentos abalados pelo ressentimento. Isto pode acontecer, quando olhamos além de nossos próprios interesses, para dar o nosso amor a Deus e ao próximo e assim fazemos de todo o nosso coração, de toda nossa alma e de todo nosso pensamento.

3. Olhando com amor e gratidão para Deus, enquanto o servimos com os olhos fitos só na sua glória, não haverá em nós as trevas do pecado, as trevas do egoísmo, as trevas do orgulho. Ali brotará um amor elevado a nosso Pai Eterno e a seu Filho amado, nosso Salvador e Redentor. Desabrochará em nós uma consciência maior do serviço voltado para nossos semelhantes, de pensar menos em si próprio e mais em estender a mão ao próximo.

4. O Filho de Deus é o único exemplo perfeito para nós e irrepreensível mestre do amor. Sua vinda à terra foi uma expressão de seu Pai. O amor é a essência básica do Evangelho de Jesus Cristo.

Sugestão para Debate:

1. Relate seus sentimentos e experiências pessoais sobre a importância do amor. Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.

2. Há versículos de escritura ou trechos deste artigo que a família possa ler em voz alta e discutir?

3. Seria melhor abordar este assunto depois de uma conversa prévia com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem para o chefe da família sobre o assunto?

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

PERGUNTAS & RESPOSTAS



Pergunta: Qual é o significado simbólico do termo *rocha* nas escrituras?

Resposta: Robert J. Matthews, diretor de Educação Religiosa, Universidade Brigham Young.

Construtores experientes sabem que uma estrutura não pode resistir, a menos que seu fundamento seja forte. As palavras *rocha* e *pedra*, referindo-se aos elementos básicos dos fundamentos antigos, são usadas nas escrituras como metáforas significando força, firmeza e durabilidade. Os profetas usavam essas metáforas de formas variadas, transmitindo uma idéia do caráter imutável de Deus, bem como da necessidade de solidez espiritual no fundamento e estrutura de nossa própria vida.

Observando as declarações dos profetas, podemos perceber quão

significativos são esses símbolos.

Moisés referia-se ao Deus de Israel como uma Rocha: "Dai grandeza a nosso Deus. Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita... Deus é a verdade, e não há nele injustiça." (Deuteronômio 32:3-4.) Davi escreveu: "O Senhor é meu rochedo, e o meu lugar forte,... meu escudo,... meu alto retiro." (II Samuel 22:2-3.) Enoque ouviu o Senhor dizer: "Eu sou o Messias, Rei de Sião, Rocha do Céu." (Moisés 7:53.) Paulo explica que os filhos de Israel, sob a liderança de Moisés "bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo". (I Coríntios 10:4.) Néfi rendia louvores ao Senhor como a "rocha de minha salvação" e o "rochedo de minha justiça." (2 Néfi 4:30, 35.) O patriarca Jacó falava do Senhor como "o pastor, a pedra de Israel". (Gênesis 49:24.) Essa pedra é identificada em revelações modernas como sendo o próprio Jesus Cristo: "Estou no vosso meio, e sou o bom pastor, e a pedra de Israel. Aquele que construir sobre esta rocha jamais cairá." (D&C 50:44.)



Isaías falava particularmente do Senhor como "uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada". (Isaías 28:16.) Paulo explicou que os santos fiéis pertencem à família de Deus "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a *principal pedra de esquina*". (Efésios 2:20.)

Os profetas revelaram que Jesus seria rejeitado pelo mundo, mas declararam que ainda assim ele é o único caminho que nos pode levar à salvação. Por esse motivo está escrito que "a pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se cabeça da esquina". (Salmos 118:22) Jesus disse aos governantes dos judeus que ele era aquela pedra, e acrescentou que "quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó". (Mateus 21:44.) E Pedro, declarando ao povo que Jesus de Nazaré havia ressuscitado, disse que "ele é a

pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos". (Atos 4:11-12.) Por isso, Jesus é considerado pedra de tropeço para aqueles que o rejeitam, "e uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes". (I Pedro 2:8.) O profeta nefita Jacó explicou que, "por tropeçar, os judeus rejeitarão a pedra sobre a qual poderiam edificar e ter fundamento seguro. Mas, eis que, de acordo com as escrituras, essa pedra virá a ser grande, última e única fundação sólida sobre a qual os judeus poderão edificar". (Jacó 4:15-16.)

Não só Jesus é a Rocha, mas também seu evangelho é comparado a uma pedra, um fundamento seguro. Para Pedro, que obteve testemunho de Jesus através da revelação do Espírito Santo, Jesus disse: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." (Mateus 16:18.) O significado desta declaração é dado em uma revelação ao Profeta Joseph Smith: "Eis que, na verdade, na verdade vos digo este é o meu evangelho; lembrai-vos de que eles deverão ter fé em mim ou não poderão de modo algum ser salvos; e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; sim, sobre esta pedra estais estabelecidos e, se perseverardes, as portas do inferno não prevalecerão contra vós." (D&C 33:12-13.) E, semelhantemente: "Eis que tendes diante de vós o meu evangelho, a minha rocha e a minha salvação." (D&C 18:17.)

O discípulo fiel construirá sua vida

sobre a rocha fundamental do Evangelho de Jesus Cristo, ao invés de sobre a areia movediça da sabedoria do homem. Tal discípulo é "semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre rocha: e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa, e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre rocha". (Lucas 6:48.)

Assim como o verdadeiro Deus é um Deus vivente, os verdadeiros discípulos são vivificados servindo-o. Assim, pois, escreveu Pedro que, para aquele que crê, o Senhor "é uma pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa. Vós também,

como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo, ...e assim por vós, os que credes, é preciosa". (I Pedro 2:4, 5, 7.)

O poder e a força de uma pedra são também ilustrados na declaração de Daniel sobre a pedra que, cortada pelo Senhor da montanha, rolaria adiante e esmiuçaria o ouro, a prata, o cobre, o ferro e o barro do mundo. Daniel explicou que a pedra, sendo o reino que o Deus do céu estabeleceria na terra, consumiria todos os reinos organizados pela sabedoria e força dos homens. (Daniel 2.) ★



Pergunta: Ouvi dizer que algumas pessoas traçaram sua linhagem até Adão. Isto é possível? Se assim for, é necessário que todos nós tracemos nossa linhagem até Adão?

Resposta: Robert C. Gunderson, especialista sênior em Pesquisa de Realeza, Departamento Genealógico da Igreja.

A resposta mais simples para ambas as perguntas é *não*. Explico. Em trinta e cinco anos de pesquisa genealógica, ainda estou para ver uma linhagem traçada até Adão que possa ser documentada. Em minhas designações, tenho examinado centenas de gráficos de

linhagem com o passar dos anos e não encontrei sequer um único gráfico onde cada ligação da linhagem possa ser justificada através de evidência de documentos contemporâneos. Em minha opinião, não é nem mesmo possível verificar historicamente uma linhagem européia anterior à época dos reis merovíngios. (450 A.D. - 752 A.D.) Todos os gráficos de linhagem que tenho examinado, que tentam preencher a lacuna entre aquela época e a linhagem bíblica, parecem baseados em tradição questionável, ou pior ainda, em pura falsificação. Geralmente esses gráficos não oferecem provas quanto à origem da informação ou citam uma fonte vaga.

A pergunta inclui a questão de ser ou não necessário traçarmos nossa linhagem de antepassados até Adão. Creio que, a partir do momento em que se compreende o verdadeiro propósito da pesquisa genealógica, percebe-se que

No devido tempo do Senhor, conheceremos nossos antepassados até Adão.

não é necessário, nesta época, relacionar nossas linhagens até Adão. De fato, um esforço nesse sentido é, provavelmente, prejudicial ao objetivo global da obra genealógica e do tempo de realizar as ordenanças de salvação do evangelho para todos os mortos.

Atualmente, é minha responsabilidade revisar os registros submetidos para a obra do templo para aqueles indivíduos que viveram até 1500 A.D. Eu diria que, de 90 a 95 por cento desses registros, são duplicatas de pesquisas já realizadas. Isto não significa que a maior parte da obra vicária pelos indivíduos que viveram antes de 1500 A.D. já foi concluída. Pelo contrário, a grande maioria das pessoas daquele período ainda precisa da realização da obra vicária em seu favor. O problema é que o processo e o material de pesquisa são de tal natureza, que acabam levando os pesquisadores ao mesmo caminho já seguido por muitos outros, com os mesmos resultados. Uns poucos milhares de nomes são alistados

repetidamente, enquanto milhões de outros continuam perdidos.

O resultado é que quase todos os esforços empregados no período anterior a 1500 A.D. e toda energia gasta na tentativa de compilar os gráficos de linhagem até Adão parecem ser um desperdício em vista de nosso real propósito. Ao mesmo tempo, nossos antepassados mais recentes, com os quais temos uma responsabilidade muito maior, são inapelavelmente ignorados — mesmo quando diversos meios de pesquisa ainda não foram explorados.

Eu recomendaria que ninguém se pusesse a pesquisar o período anterior a 1500 A.D. sem antes consultar o Departamento Genealógico; e isto, somente depois de esgotadas todas as possibilidades de pesquisa para as gerações mais recentes. A probabilidade de descobrir informações no período de tempo anterior a 1500 A.D., que resultaria em uma nova obra vicária, é praticamente nula, a menos que se receba alguma orientação específica.

No devido tempo do Senhor, conheceremos nossos antepassados até Adão. Dado o atual estado de nossos registros, sinto que, quando tentamos traçar nossa linhagem até Adão, estamos perigosamente próximos de ignorar a admoestação de Paulo: "Nem se dêem a fábulas ou a genealogias intermináveis, que mais produzem questões..." (I Timóteo 1:4).

A quantidade de pesquisa é tamanha, que exige que todo membro esteja empenhado em algum aspecto dele — mas, ao mesmo tempo, precisamos aprender a trabalhar efetiva e eficientemente. Não temos tempo para projetos inúteis que desperdiçam nosso tempo e recursos. ★

O SERVIÇO FAZ A DIFERENÇA

Uma entrevista com a Presidência Geral da Sociedade de Socorro: Irmã Bárbara B. Smith, presidente; Irmã Marian R. Boyer, primeira conselheira; e Irmã Ann Stoddard Reese, segunda conselheira.

Editores: De que maneira a Sociedade de Socorro ajuda as mulheres a enfrentarem os desafios de hoje?

Irmã Smith: A Organização da Sociedade de Socorro empenha-se no fortalecimento das mulheres, de seus lares e suas famílias; em ajudar as mulheres a melhorarem sua educação, encorajá-las a prestarem serviços de caridade em suas comunidades e em ajudá-las a aprenderem a viver em paz e com alegria no mundo de hoje.

Irmã Reese: O programa educacional da Sociedade de Socorro destina-se a auxiliar as mulheres a enfrentarem seus verdadeiros desafios espirituais, emocionais, intelectuais e sociais de hoje. Nossas lições são todas baseadas nos princípios do evangelho que dizem respeito a toda mulher — independentemente de sua cultura ou nível de entendimento. As lições enfatizam a aplicação dos princípios e conceitos; assim, elas também ajudam a mulher a ensinar o evangelho através do exemplo.

Editores: Parece que nosso mundo de

hoje nos encoraja a concentrarmo-nos principalmente em nossas próprias necessidades — em como nos sentimos e o que queremos. Como a Sociedade de Socorro pode ajudar as mulheres SUD a olharem, além disso, para suas responsabilidades de servir aos outros?

Irmã Smith: Em primeiro lugar, a Sociedade de Socorro ajuda-nos a desenvolvermos talentos em todas as áreas de nossa vida. E, à medida que desenvolvemos esses talentos, cresce automaticamente nossa capacidade de servir. Em segundo lugar, a Sociedade de Socorro nos ensina a servir. Conforme salienta o Manual da Sociedade de Socorro, um de nossos principais objetivos é “cuidar dos pobres, enfermos e desafortunados; dar assistência em ocasião de luto”. (P. 2.) A Sociedade de Socorro proporciona uma visão mais ampla de que há pessoas necessitadas no mundo — que, à medida que usamos nossos talentos no serviço ao próximo, começamos a sentir dentro de nós alegria e paz.

Editores: Como podemos concentrar-nos nas necessidades das outras pessoas além de satisfazer as nossas próprias?

Irmã Smith: Na verdade, uma de nossas necessidades mais importantes é a de servir. Vocês sabem, quando

Quando servimos, começamos a eliminar a ganância, o egoísmo, o ódio e a inveja — todas essas coisas que podem destruir-nos.

servimos, começamos a eliminar a ganância, o egoísmo, o ódio e a inveja — todas essas coisas que podem destruir-nos — e começamos a sentir o altruísmo, o amor e a dedicação, exemplificados na vida do Salvador. Ninguém pode preencher as necessidades mais importantes da vida sem esses atributos cristãos.

Editores: Qual é a nossa responsabilidade de ir além do círculo familiar e de amigos em nossos esforços para servir?

Irmã Smith: Acho que podemos começar com aqueles que estão mais próximos de nós, mas devemos também tomar cuidado para não fazermos da família o nosso limite de prestação de serviços.

As mulheres podem começar em sua própria esfera de ação — com seus filhos pequenos em casa, entre amigos adultos, com seus familiares mais próximos e em círculo profissional. O importante, porém, é procurar servir com amor *todos* os dias. Às vezes, talvez sintamos que nossas demonstrações de amor são inúteis; mas, na realidade, amor *nunca* é inútil — quer seja dedicado a um filho pequeno, a uma irmã solitária ou a quem quer que seja. O poder do amor em refinar nossa alma não depende de nosso afeto ser retribuído ou apreciado. Quando amamos, crescemos.

Irmã Boyer: Todas as mulheres, sejam

quais forem suas condições, podem realizar serviços no lar. Por exemplo, nossa secretária geral não tem filhos, mas ela ama e cuida dos filhos dos outros. Na verdade, enquanto estamos conversando aqui, ela está tomando conta de uma sobrinha com um bebê recém-nascido e um filho de três anos. Enquanto estivermos pensando: “O que posso fazer por alguém mais?”, estamos seguindo o rumo certo; e a mulher que se viu sozinha, pode vir a apreciar as grandes bênçãos que *certamente* tem.

Editores: E quanto às viúvas e divorciadas que precisam conciliar maternidade e profissão? Como pode a Sociedade de Socorro ajudá-las?

Irmã Boyer: Devemos fazer tudo ao nosso alcance para ajudar a preparar as mulheres para qualquer eventualidade. Notamos que as irmãs que não têm um preparo adequado, deparam-se com um sério problema financeiro ao terem de sustentar a família sozinhas; e são muitas as mulheres que o estão fazendo. Elas precisam de conhecimentos muito maiores do que julgávamos necessário alguns anos atrás. Sugerimos que as reuniões de economia doméstica ajudem as mulheres a adquirir conhecimentos práticos, como, por exemplo, fazer uso sábio do crédito financeiro, orçar seu dinheiro e fazer consertos domésticos, mais simples.

Editores: E quanto às irmãs que, por uma ou outra razão, não apreciam a situação que consideramos ideal — ficar em casa com os filhos? Como vocês as vêem incluídas no programa da Sociedade de Socorro?

Irmã Boyer: Toda pessoa tem um lar, seja um ou mais indivíduos, e é nosso desejo que todo lar seja um ordeiro e atraente lugar de aprendizagem, para onde você possa trazer amigos e onde eles sintam amor e cordialidade. Não precisamos ficar sozinhas o tempo todo, mesmo que a nossa seja uma família de



A presidência geral da Sociedade de Socorro, começando pela esquerda: Irmã Marian R. Boyer, primeira conselheira; Presidente Barbara B. Smith; e Irmã Ann Stoddard Reese, segunda conselheira.

um só membro. Esse lar pode ser uma bênção para muitos que recebem sua influência.

Editores: Qual é a função das professoras visitantes em ajudar as irmãs a servirem-se mutuamente?

Irmã Reese: Considero o programa de professoras visitantes um das maiores forças que temos em nossa organização. *Toda* mulher nesta Igreja tem o direito e a oportunidade de servir como professora visitante. Ao levar a mensagem do evangelho aos lares a ela designados e procurar atender às necessidades alheias, a professora visitante vive experiências que a fazem crescer. Em certas ocasiões, uma mulher sente

necessidade de apenas conversar com outra mulher. As visitas do programa de professoras visitantes preenchem essa necessidade. O programa de professoras visitantes também exerce uma função significativa ao fazer bem-vindas as irmãs recém-batizadas na Igreja. Com sua sensibilidade, as mulheres freqüentemente são capazes de perceber necessidades que, de outra forma, poderiam passar despercebidas.

Irmã Smith: Gostaríamos de que cada mulher orasse, a fim de ser designada para visitar as mulheres a quem possa influenciar positivamente. Esperamos que as professoras visitantes estejam orando também, para que o Espírito do Senhor as

O amor nunca é inútil — quer seja dedicado a um filho pequeno ou a uma irmã solitária.

orientar, a fim de que percebam as necessidades das irmãs. Penso que temos essa responsabilidade e o direito de saber que o Senhor realmente opera através de nós, quando servimos umas às outras. Sabemos que, onde quer que o programa de professoras visitantes esteja funcionando plena e satisfatoriamente, temos mais pessoas freqüentando a Sociedade de Socorro e outras reuniões da Igreja e gozando das bênçãos do evangelho.

Editores: Houve alguma mudança recente no programa de professoras visitantes?

Irmã Smith: Sim. A presidente da Sociedade de Socorro era orientada a receber anualmente um número específico de relatórios verbais pessoais das professoras visitantes. Em nosso último manual, não especificamos um número certo. A presidente da Sociedade de Socorro local deve determinar como as professoras visitantes podem ajudá-la a entender e localizar as necessidades de cada mulher. Agora é responsabilidade individual da presidente decidir com que freqüência ela realizará entrevistas com as professoras visitantes.

Esperamos que agora as líderes da Sociedade de Socorro reconheçam a importância do relatório verbal, tanto quanto a do escrito, no programa de professoras visitantes.

Editores: Falando de um outro aspecto da Sociedade de Socorro, ouvimos o comentário de que algumas mulheres

entram para a Igreja por perceberem uma diferença positiva nas mulheres da Igreja. O que determina esta feliz diferença?

Irmã Smith: Novamente, é o serviço que prestamos que faz a diferença. Recentemente, visitei uma estaca onde as mulheres tinham problemas, até que foram chamadas para trabalharem juntas em um projeto. À medida que trabalhavam em harmonia, desenvolvia-se uma doce irmandade entre elas devido ao esforço conjunto. A partir do momento em que começamos a dar um pouco de nós mesmos, experimentamos a felicidade; e quando temos em nós um espírito de paz e felicidade, as pessoas o notam.

Uma outra chave para a felicidade é ter um senso de propósito e realização.

O Senhor nos deu um mundo de grande diversidade. Ele faz todos os tipos de pessoas e permite que passemos por diferentes situações. Cada uma de nós tem diversos dons e um potencial diferente. Mas o Evangelho de Jesus Cristo deveria ser a base de toda nossa vida. Temos dentro de nós a capacidade de ultrapassar os atuais limites no viver cristão. ★

Nota dos editores Este artigo *O Serviço Faz a Diferença* já havia sido elaborado e estava em processo de impressão quando a Irmã Barbara B. Smith e suas conselheiras foram desobrigadas da Presidência da Sociedade de Socorro na Conferência Geral de Abril. A Irmã Smith foi presidente durante quase dez anos e a Irmã Marian R. Boyer foi sua primeira conselheira desde novembro de 1978, e Irmã Ann S. Reese segunda conselheira desde outubro de 1983. Ao anunciar a desobrigação, o Presidente Gordon B. Hinckley, disse: "Estas mulheres realizaram um trabalho notável durante esses anos de serviço." A publicação desta entrevista é em reconhecimento desse trabalho e pela certeza de que o espírito de serviço e tradição da Sociedade de Socorro continuará a ser levado avante sob a liderança da nova presidente da Sociedade de Socorro, Irmã Barbara W. Winder. A nova presidência da Sociedade de Socorro será apresentada numa futura entrevista.



VER ALÉM DA CATEGORIA:

REFLEXÕES SOBRE A VIDA DE SOLTEIRO

Jan Underwood

Há poucos anos, formei-me em uma universidade. Entretanto, muita coisa que aprendi tornou-se uma vaga lembrança em minha mente. Quando sou forçada a recordar um fato, o melhor que posso responder é: "Tenho *certeza* de que já estudei isso na faculdade."

Entretanto, uns poucos conceitos conservaram-se claros e nítidos pelo uso constante. Um deles veio de uma fonte improvável. Enquanto certo dia, nossa classe procurava dominar as facetas mais apuradas das técnicas de pesquisa, nosso instrutor deu-nos uma regra simples, que se tornou fundamental no meu modo de olhar o mundo. "Lembrem-se", advertiu, "pode haver tanta variação *dentro* das categorias como *entre* categorias." Em outras palavras, membros de dois grupos diferentes podem ter tanto em comum quanto dois membros de um mesmo grupo.

Como me tornei membro da categoria definida aproximadamente como "mulher

acima de vinte e cinco anos, solteira," este conceito tem-me ajudado a compreender de que modo me enquadro no mundo, na Igreja e no plano do Senhor. Isto tem-me induzido a acreditar que, em termos de minhas expectativas e objetivos básicos, compartilho muito mais semelhanças do que diferenças com minhas amigas casadas.

Parece-me que todo seguidor de Jesus Cristo, independente da aparência ou tamanho, inteligência ou língua nativa, cargo na Igreja ou estado civil — compartilha duas metas básicas: amar o Senhor de todo o seu ser e amar e servir àqueles que nos rodeiam. Jesus disse que todos os outros aspectos de nosso discipulado baseiam-se nestes dois mandamentos. (Ver Mateus 22:37-40.)

Compreender que o Salvador estende esse chamado a todos, independentemente de nossas circunstâncias, ajudou-me a ver que a obra de minha vida não precisa esperar até que eu me case. Posso viver o



Um casamento e uma vida familiar recompensadores exigem que desenvolvamos nossa capacidade decisiva de perdoar, ter empatia e fazer concessões.

evangelho *agora*. Quando minha vida incluir um marido e filhos, minhas metas fundamentais permanecerão as mesmas, embora o enfoque possa ser diferente.

Ao mesmo tempo, contudo, minha condição de solteira realmente determina que o método adotado para atingir minhas metas seja diferente em alguns aspectos dos meios que minhas amigas casadas utilizam para alcançar os mesmos objetivos, pois, a vida de solteira apresenta alguns desafios particulares, como também oportunidades, de atingir esses objetivos idênticos. Reconhecer a ambos tem-me ajudado a concentrar meus esforços e evitar o desânimo quando, vez ou outra, preferia estar em outras circunstâncias.

Há muito venho sentindo que o principal desafio da vida de solteira é encontrar meios de guardar o segundo mandamento. A vida dentro de uma estrutura familiar parece exigir o dom da caridade como um atributo em constante desenvolvimento. Do ponto de vista de um leigo, parece que a vida familiar pode ser uma experiência grandemente purificadora e refinadora, um auxílio para sobrepujar nosso próprio egoísmo. De fato, ela *requer* que aprendamos a amar liberalmente e a nos sacrificar

espontaneamente. Um bebê faminto às duas horas da madrugada simplesmente não espera que o pai ou a mãe cansada durma mais uma hora ou duas. E um aflitivo conflito de personalidades entre cônjuges não se resolve simplesmente trocando de companheiro de quarto ou vivendo só. Um casamento e uma vida familiar recompensadores exigem que desenvolvamos nossa capacidade decisiva de perdoar, ter empatia e fazer concessões.

Nenhuma de minhas amigas casadas duvida de que o Senhor espera que elas façam sacrifícios substanciais pelo bem-estar dos filhos que delas dependem. Entretanto, é fácil para mim esquecer que o Senhor tem expectativas similares com relação à minha pessoa. Para mim, é fácil ignorar as necessidades humanas existentes ao meu redor, em diversas formas, fora dos meus contatos sociais usuais. Contudo, virtualmente toda comunidade tem crianças famintas, pessoas mais velhas solitárias e criaturas de todas as idades desencorajadas. Meu desafio, portanto, é sobrepujar as limitações de minha vida de solteira, a fim de encontrar meus próprios meios de cumprir o mandamento universal do Senhor de amar e servir ao próximo.

Nós, solteiros, podemos dar uma contribuição essencial ao mundo, pois, não tendo que atender às exigências desgastantes de uma vida familiar, podemos dar nosso afeto aos órfãos de pai e mãe, que nossas amigas casadas não alcançam.

Acredito também que muitas recompensas emocionais que os pais colhem servindo-se mutuamente e a seus filhos são acessíveis a todos os solteiros. Talvez não estejam tão à mão; contudo, a qualquer momento que procuramos amar e servir ao próximo, isto resultará, inevitavelmente, nos doces dons da alegria e afeição.

Há momentos em que nós, solteiros,

sentimos que estamos numa estrada solitária sem nenhum mapa e nenhum exemplo para nos mostrar o caminho. Na verdade, acho que podemos encontrar um grande número de ótimos exemplos entre nós — homens e mulheres de fé e compaixão, procurando humildemente servir ao Senhor em sua própria esfera.

Mas tenho como consolo maior: o exemplo do Salvador, cuja linha de conduta obteve a aprovação, não de todos, mas de uns poucos seguidores devotados. Finalmente, seu único amparo veio do seu amoroso Pai, que lhe deu o apoio de que necessitava para continuar e concluir a sua obra.

É meu testemunho de que o mesmo tipo de aprovação divina é acessível a todos os que amam o Senhor. E a própria ausência de alguns tipos de segurança oferecidos por um estilo de vida mais usual, pode-nos induzir a buscar esse apoio.

Toda pessoa tem momentos de confusão, dor e falta de autoconfiança, como também tem suas horas de alegria e satisfação; mas, o processo de enfrentar dificuldades essencialmente sozinhos, pode levar-nos a recorrer ao Senhor de um modo que possivelmente evitaríamos em outras condições. Às vezes, quando tenderíamos a buscar o apoio de um cônjuge compreensivo, somos obrigados a recorrer à verdadeira fonte de conforto e alívio. Em minhas próprias provações e tentações na solidão, o Senhor tem sido para mim um Pai leal, misericordioso e generoso, sempre pronto a me perdoar, confortar e aliviar. Meu amor a ele tem-se tornado mais verdadeiro e seguro.

Ao mesmo tempo, sinto que minha fé no Senhor tem crescido, tornando-se mais aprimorada e realista com o passar dos anos. Uma coisa fez-me perceber que Deus respeita o livre arbítrio do homem: Ele nunca se precipita em fazer as escolhas mais difíceis em meu lugar.

As experiências capazes de aguçar nosso entendimento sobre Deus e exercitar nossa fé nele estão ao nosso redor todos os dias.

Tem-se mostrado disposto a me deixar aprender, vagarosa e dolorosamente, a exercitar meu próprio julgamento e escolha. Eu o amo por não querer que eu continue fraca e dependente.

Agora aprecio muito mais o princípio do arrependimento, o que lhe permite dar-me a liberdade de que preciso para exercitar o livre arbítrio. Creio que o desconforto que sentimos ao pelejar através de longos e incertos períodos da vida é mais do que compensado pela força de espírito que ganhamos durante esse processo. À medida que percebermos o desenvolvimento de nossos poderes inerentes, podemos sentir com gratidão que o Senhor não nos poupou das circunstâncias que proporcionaram esse desenvolvimento.

Quando compreendemos quão certo e constante é o amor do Senhor, então algumas tragédias pessoais, certos casos em que não somos salvos por um Pai amoroso de nossas próprias leviandades, não prejudicarão nossa fé. As experiências capazes de aguçar nosso entendimento sobre Deus e exercitar nossa fé nele estão ao nosso redor todos os dias. Todavia, passei a considerar essas experiências como um aspecto muito valioso de minha vida como pessoa solteira. ★

“QUANDO MEU MESTRE FAMILIAR TELEFONOU...”

Robert K. McIntosh

Sempre ouvi dizer que os mestres familiares podem receber inspiração com respeito às famílias que lhes são confiadas. Quão real, porém, é essa bênção tornou-se evidente para mim através de uma experiência que tive alguns anos atrás.

O semestre na universidade havia terminado, e eu estava passando o verão num emprego temporário pintando casas, além de lecionar, à noite, no Instituto de Religião. Havíamos adquirido recentemente um carro novo, insuficiente para acomodar bem nossa família de sete pessoas — exatamente o tipo de automóvel que sempre quisemos.

Uma noite, enquanto me preparava para ir à aula, nossas duas filhas pequenas, uma de três e outra de cinco anos, entraram em casa correndo, com os braços cobertos de branco. Nada suspeitando do que haviam aprontado, pensei que tivessem brincado com

farinha. Mas, de repente, notei que o branco de seus braços estava pingando! No mesmo instante, percebi o que havia acontecido. Eu deixara um galão de tinta a óleo branca fora do carro e um pincel convenientemente próximo dele. Nossas garotinhas haviam aberto a lata e pintado o interior do carro. E fizeram um serviço completo! O teto, o chão, os bancos...

Enquanto continuava ali parado, contemplando aquele quadro horrível, uma de minhas filhas disse-me, sorrindo: “Veja, papai, que bonitinho o nosso carro.” Peguei as duas meninas, tentando, de todo o coração, controlar minhas emoções, levei-as ao banheiro e as coloquei na banheira. Em seguida, chamei minha mulher para limpá-las, enquanto eu tentava cuidar do carro.

Naquele exato momento, nosso telefone tocou. Peguei-o e, com uma certa impaciência, disse: “Alô!” Uma voz do outro lado disse: — Irmão McIntosh,



aqui é o Irmão Wilde, seu mestre familiar. Eu estava aqui sentado, imaginando como é que você e sua família estão passando.

— Irmão Wilde, você não vai acreditar no que nossas garotinhas acabaram de fazer —, lamentei. — Elas pintaram nosso carro novo por dentro e não tenho uma gota sequer de removedor para limpar tudo aquilo!

Meu mestre familiar deu-me uma resposta que até hoje me tem servido de inspiração: — Irmão McIntosh, você pode não acreditar, mas cerca de meia hora atrás, eu estava passando por uma loja. Alguma coisa me dizia: Compre um galão de removedor! Compre-o sem saber para

quê. Ainda está no carro. Estarei ai num instante, para ajudá-lo a limpar a sujeira.

Poucos minutos depois, ele chegou. Uns vinte minutos mais tarde, havíamos limpado toda a sujeira e eu já estava preparado para ir à aula, ainda em tempo.

Enquanto caminhava para a porta do edifício, olhei para o céu e fiz uma pequena oração: “Agradeço-te, Pai, por ter um mestre familiar que se importa, que pensa em minha família e busca inspiração para agir a nosso favor.” ★

Robert K. McIntosh, pai de seis filhos, é o presidente da Escola Dominical de sua ala de Centerville, Utah.

O TESTEMUNHO DE UM APÓSTOLO

*Élder Howard W. Hunter
do Conselho dos Doze*

Por diversas vezes durante o ministério mortal de nosso Redentor, ele fez um chamado que era, ao mesmo tempo, um convite e um desafio. A Pedro e seu irmão, André, Cristo disse: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens." (Mateus 4:19.) Ao jovem rico que perguntou o que deveria fazer para ter vida eterna, Jesus respondeu: "Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres... e vem, e segue-me." (Mateus 19:21.) E, a cada um de nós, diz Jesus: "Se alguém me serve, siga-me". (João 12:26.)

Muitas pessoas têm escolhido seguir a Cristo e nós oramos constantemente para que muitos mais façam essa escolha; mas, para uns poucos seguidores do Senhor, o chamado era mais específico. Lucas registra que, depois de passar "a noite em oração a Deus", Jesus "chamou a si os seus discípulos e escolheu doze deles, a quem também

deu o nome de apóstolos". (Lucas 6:12, 13.)

Para esses doze escolhidos, o chamado para seguir a Cristo significava abandonar tudo e acompanhar pessoalmente o Senhor em seu ministério. O chamado deles era privilegiado. Caminhavam e conversavam com o Filho de Deus diariamente. Conviviam intimamente com o Senhor e banqueteavam-se com suas palavras, com corações humildes e receptivos. Eles o amavam, e Jesus referia-se a eles como seus amigos. (Ver João 15:14, 15.)

Esses doze apóstolos exerceram uma função vital ao plano do Senhor. Eles eram testemunhas especiais da divindade do Salvador e de sua ressurreição literal. Não só o conheceram durante seu ministério mortal, como também conversaram com ele após a sua ressurreição. O Redentor ressurreto apareceu no meio de seus discípulos no cenáculo, onde puderam tocar-lhe as



"Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres... e vem, e segue-me." (Mateus 19:21.)

mãos e os pés, convencendo-se de que Jesus não era meramente um espírito, mas um ser ressurreto de carne e ossos. (V. Lucas 24:38, 39.)

Estes apóstolos sabiam da divindade do Senhor e da sua ressurreição com uma certeza além de qualquer descrição e dúvida. Com esse conhecimento, baseando-se na experiência e confirmação pelo Espírito Santo, eles foram mandados ser testemunhas de Cristo, "tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra". (Atos 1:8.) De fato, a palavra *apóstolo* significa "aquele que é enviado".

Os apóstolos foram escolhidos por Deus e "ordenados" para serem testemunhas da ressurreição (ver Atos 1:22); e, subseqüentemente, partiram, testificando, corajosamente e com poder, da expiação e ressurreição. Participaram dos eventos mais significantes relacionados à missão redentora do Salvador e foram mandados testificar

destas coisas a todas as pessoas. O Espírito Santo confirmava, então, suas palavras, para que todos acreditassem em Cristo e se preparassem para receber a remissão dos pecados. Paulo disse aos santos de Éfeso que o conhecimento a respeito de Cristo havia sido "revelado pelo Espírito aos seus santos, apóstolos e profetas". (Efésios 3:5.)

Por causa do chamado especial dos apóstolos como testemunhas de Cristo, aprendemos que a casa de Deus é edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus é a principal pedra da esquina". Paulo também ensina que Cristo enviou apóstolos e profetas, "querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo;

"Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo." (Efésios

4:12, 13.) Assim, os apóstolos não só proclamaram o evangelho, mas também assumiram a liderança da Igreja, para estabelecer unidade e fé entre os santos.

Em nossos dias, o Senhor novamente chamou apóstolos, os quais têm sido ordenados como testemunhas especiais de Cristo em todo o mundo. Eles conhecem a realidade de Cristo e de sua redenção, com a certeza nascida do Espírito.

Somos eternamente gratos pelo testemunho de Joseph Smith, "o qual foi chamado por Deus, para ser um apóstolo de Jesus Cristo". (D&C 20:2.) Cumprindo seu chamado apostólico, Joseph Smith prestou este poderoso testemunho: "E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

"Pois vimo-lo mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai." (D&C 76:22-23.)

O testemunho do Profeta, obtido através da experiência e do Espírito, tem sido proclamado por todo o mundo, e o Espírito Santo tem confirmado a verdade desse testemunho ao coração de milhares de pessoas que receberam a palavra com alegria. O padrão para se comprovarem as coisas espirituais foi restabelecido em nossos dias e uma corrente ininterrupta de sucessão assegurou que o chamado apostólico estivesse conosco continuamente, desde que foi restabelecido por Joseph Smith.

Como apóstolo ordenado e testemunha especial de Cristo, presto-lhes solene testemunho de que Jesus Cristo é, de fato, o filho de Deus. Ele é o Messias de quem testificaram as profecias do Velho Testamento. Ele é a Esperança de Israel, por cuja vinda os filhos de Abraão, Isaque e Jacó oraram durante os longos séculos de adoração prescrita.

Jesus é o Filho Amado que se submeteu à vontade do Pai, ao ser

batizado por João no Rio Jordão. Ele foi tentado pelo diabo, mas não cedeu às tentações; pregou o evangelho, que é o poder de Deus para a salvação, e ordenou a todos os homens de todos os lugares que se arrependessem e se batizassem. Perdoava os pecados, falando como alguém que tem autoridade, e demonstrou seu poder curando o coxo e o aleijado, abrindo os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos. Transformou a água em vinho, acalmou as águas revoltas da Galiléia e caminhou sobre aquelas mesmas águas como se fossem chão sólido. Confundiu governantes iníquos que procuravam tirar-lhe a vida e trouxe paz aos corações aflitos.

Finalmente, sofreu no Jardim do Getsêmani e morreu na cruz, dando sua vida sem pecado como resgate por toda alma que entra para a mortalidade. Ele realmente ressuscitou dos mortos no terceiro dia, tornando-se as primícias da ressurreição, triunfando sobre a morte.

O Senhor ressurreto continuou seu ministério de salvação, manifestando-se, de tempos em tempos, a homens mortais escolhidos por Deus para serem suas testemunhas e revelando sua vontade através do Espírito Santo.

É pelo poder do Espírito Santo que presto meu testemunho. Sei da existência de Cristo como se o tivesse visto com meus próprios olhos e escutado sua voz com meus próprios ouvidos. Sei também que o Espírito Santo confirmará a veracidade do meu testemunho no coração de todos aqueles que o ouvirem com fé.

Durante os quase dois milênios desde que ele viveu, milhares incontáveis de pessoas vêm admirando os atributos do Senhor — sua benevolência, generosidade, misericórdia e caridade. Seus ensinamentos foram descritos por um autor clássico "como um grande mar, cuja superfície sorridente se quebra em



Escultura de Joseph Smith, recebendo o Sacerdócio Aarônico das mãos de João Batista

ondas refrescantes aos pés de nossos pequenos mares, mas em cujas profundezas imensas os mais sábios podem contemplar o tremor do assombro e a vibração do amor". (Santo Agostinho, Confissões, XII, 140.)

Embora esses ensinamentos e atributos tenham sido de inestimável valor para a família humana, eles devem ser considerados como subprodutos das coisas que realmente reclamam nosso respeito e nossa adoração — a expiação pelos nossos pecados e a ressurreição dos mortos. Infelizmente, muitos homens vêm adorando os atributos e a ética de Cristo, embora neguem o seu Redentor.

O convite do Senhor para o seguirmos é estendido a muito mais pessoas que aqueles ordenados como testemunhas especiais. O chamado é individual e pessoal, e é compulsório. Não podemos permanecer para sempre entre duas

opiniões. Cada um de nós deve, em determinada época, encarar a pergunta decisiva: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mateus 16:15.) Nossa salvação depende da nossa resposta a essa pergunta, e de nosso compromisso com essa resposta. A resposta revelada de Pedro foi: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo." (Mateus 16:16.) Incontáveis testemunhas podem dar idêntica resposta pelo mesmo poder, e eu me junto a elas em humilde gratidão. Cada um, porém, precisa responder a essa pergunta, mais cedo ou mais tarde, por si mesmo; pois, no último dia, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é o Cristo. Nosso desafio é responder corretamente e viver de acordo, antes que seja tarde demais, para sempre.

Se, pois, Jesus é realmente o Cristo, conforme testificamos, o que devemos fazer?

O *supremo sacrificio de Cristo só pode ter pleno efeito em nossa vida, se aceitarmos seu convite para segui-lo.*

O supremo sacrificio de Cristo só pôde ter pleno efeito em nossa vida, se aceitarmos seu convite para segui-lo. Este chamado não é irrelevante, irrealista ou impossível. Seguir um individuo significa observá-lo ou ouvi-lo atentamente; acatar sua autoridade, considerar e aceitá-lo como líder e obedecer a ele; apoiar e defender suas idéias; tomá-lo como modelo. Cada um de nós pode aceitar esse desafio. Pedro disse: "Pois também Cristo padeceu por nós deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas." (1 Pedro 2:21.) Assim como são falsos os ensinamentos que não estão em conformidade com a doutrina de Cristo, também uma vida não pautada pelo exemplo de Cristo, está mal orientada e, provavelmente, não atingirá seu mais elevado destino.

Para aqueles que ainda não abraçaram o evangelho, seguir a Cristo significa aprender a conhecê-lo e obedecer ao seu evangelho.

O próprio Jesus definiu o evangelho: "E este é o mandamento: Arrependei-vos, todos vós, extremos da terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados pelo recebimento do Espírito Santo, para que possais

comparecer sem mancha perante mim, no último dia.

"Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu evangelho; e sabeis o que deveis fazer em minha igreja, pois as obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis, porque fareis aquilo que me vistes fazer." (3 Néfi 27:20, 21.)

Cada um de nós deve receber a palavra de Cristo através das escrituras e dos ensinamentos de seus servos escolhidos. Em seguida, exercitamos fé, arrependendo-nos e sendo batizados; preparando-nos, assim, para receber o poder de purificação e santificação do Espírito Santo em nossa vida.

Irmãos e Irmãs, o amor de Deus veio ao mundo para o benefício de todos aqueles que o recebem. Obter os dons oferecidos gratuitamente por Cristo e compartilhá-los com o próximo, não é apenas nosso dever e obrigação sagrados, como uma oportunidade e privilégio.

"Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho Unigênito ao mundo, para que por ele vivamos.

"Nisto está a caridade, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados.

"Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros." (1 João 4:9-11.)

Testifico, em nome de Jesus Cristo, que "Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". (João 3:16.) Que possamos aceitar o convite de amor de Cristo, "vinde após mim", é minha oração em nome de Jesus Cristo, amém. ★

(Extraído de um discurso proferido num sermão no Tabernáculo do Lago Salgado.)

QUANDO O SENHOR TRANSFORMOU MEU CORAÇÃO...

Violet N. Tate, conforme contado a Lee S. Laney

Levei cinquenta anos para descobrir o quanto eu amava meu marido. Ele era alcoólatra, e nossa vida em casa um pesadelo. Discutíamos e brigávamos amarga e dolorosamente. Nossas palavras eram, freqüentemente, ásperas e acusadoras.

Havia muito pouco amor em nosso casamento. Eu culpava meu marido por todas as dificuldades que nossa família enfrentava. Tudo o que ele fazia era errado aos meus olhos, e eu o provocava e o insultava pelo seu vício.

Certa vez fiz meu mestre familiar ouvir todas as minhas queixas. Ele interrompeu-me após alguns momentos, dizendo gentilmente: "Irmã Tate, você não consegue encontrar alguma coisa boa para dizer sobre seu marido? Ele não tem sempre provido casa e comida para sua família? Não tem sido extremamente honesto ao pagar suas dívidas? Vamos pensar em todas as coisas boas que ele faz e deixar o resto com Deus."

Mas eu não conseguia. Não compreendia que Tom, meu marido, precisava de ajuda, que suas próprias forças não bastavam. Tudo o que

conseguia ver era a minha própria infelicidade. Estava tão imersa em auto-piedade, que só enxergava meus próprios problemas e de ninguém mais.

Após cinquenta anos de casamento, cheguei a um ponto em que não agüentava mais continuar. As provocações em nosso lar iam além da minha capacidade de suportar. Implorei a Deus que nos ajudasse, pois não tínhamos mais esperança.

O Pai Celestial abençoou-nos de uma forma surpreendente, com bênçãos tão mais ricas do que jamais sonhei receber.

Uma amiga, havia anos, tentava levar-me para assistir a uma reunião para famílias e amigos de alcoólatras. Seu marido morrerá alcoólatra, e ela compreendia o meu sofrimento. Mas eu era orgulhosa demais e não tinha fé. Não acreditava que alguma coisa pudesse ajudar-nos, a não ser um milagre do Senhor.

Minha filha mais jovem, Madeline, foi à reunião em meu lugar, voltando bastante animada — e eu comecei a sentir um leve vislumbre de esperança. Decidi assistir à reunião seguinte e descobrir por

A pós cinqüenta anos de casamento, cheguei a um ponto em que não agüentava mais continuar. As provações em nosso lar iam além da minha capacidade de suportar.

mim mesma.

Chegando, porém, ao local das reuniões, minha esperança recém-descoberta encontrou um obstáculo. Naquela época, minhas pernas e pés já estavam danificados pela artrite, e caminhar era um tormento. A escadaria interna do prédio não tinha corrimão para me segurar. Até que ponto teria o dever de subir aquelas escadas? Todo o rancor egoísta veio à tona incontroladamente. Todas as palavras ásperas, críticas que dissera durante anos vieram novamente aos meus lábios.

Censurei tudo o que via. As pessoas estavam fumando e tomando café. Senti-me hipocritamente virtuosa. Como poderia aqueles não-membros da Igreja me ajudar?

O líder do grupo deu-me vinte minutos para eu me apresentar e contar minha história. E contei — tudo! Falei de todos os anos que minha família havia sofrido. Contei-lhes da dor que meu marido causara aos corações de meus onze filhos. Toda a culpa era dele; todos os problemas foram causados por ele. Afinal de contas, eu não freqüentava a Igreja todas as semanas? Não era eu a melhor pessoa de nós dois? Mágoa e rancor; eu

estava cega demais para ver que algumas culpas eram minhas. Eu queria responsabilizá-lo por toda a nossa infelicidade.

Quando terminei, a líder do grupo disse claramente: "Queremos que saiba de uma coisa, Sra. Tate. A senhora não está aqui para fazer alguma coisa a respeito do vício de seu marido. Nada que a senhora possa fazer, conseguirá fazê-lo parar de beber. Ele tem que querer parar por si mesmo. A senhora está aqui para preservar a sua própria sanidade."

Compreendi que ele estava certo. Suas palavras ajudaram-me a perceber que eu precisava mudar. Não havia percebido até então quão errada vinha sendo minha atitude, quão pequena era a minha vivência do evangelho. Eu viera àquela reunião esperando encontrar algum milagre que fizesse meu marido parar de beber. De repente, porém, o que eu estava vendo eram as minhas falhas — e não as dele. O Espírito dizia-me que havia sido egoísta e desonesta. Afastara-me de meu marido, quando ele mais precisava de mim.

Compreendi, então, que as brigas e discussões em nosso lar não eram culpa apenas de meu marido. Muitas delas eram de minha responsabilidade.

O peso daqueles horríveis cinqüenta anos caiu sobre mim. Durante meio século eu tivera um papel importante nas contendas em nosso lar. Não seguira em nada o exemplo do Salvador. Como um animal ferido, sempre que me sentia magoada, revidava sem pensar.

Levei cinqüenta anos para aprender que isto é errado — cinqüenta anos para finalmente entender qual é o caminho do Senhor. Embora fosse membro da Igreja há mais de cinqüenta anos, foi naquela noite, naquela reunião que finalmente me converti aos verdadeiros princípios de amor que o evangelho ensina.



Nunca antes havia compreendido o verdadeiro espírito do evangelho. Custou-me um quase desastroso casamento... para perceber o quão errada eu fora.

Que despertar glorioso esse conhecimento foi para mim! Meu coração, como o de Alma, transformou-se completamente. (Ver Alma 5:14.) Meus temores e egoísmo dissiparam-se, e, quando pensei em minhas próprias fraquezas, senti tanto amor e compaixão por Tom, que pensei que fosse explodir. Durante anos, desejei que deixasse a mim e a meus filhos em paz. Agora eu o amava e me preocupava com ele de maneira que nunca imaginei possível. Implorei ao Pai Celestial que nos desse uma outra oportunidade para trazermos de volta o amor e a felicidade ao nosso lar.

Naquele momento, sentia-me mais feliz do que fora durante todos aqueles cinquenta anos. Compreendi que o segredo para conservar o Espírito em nosso lar não era meu falso senso de retidão. Tinha de me arrepender e aperfeiçoar minha vida primeiro. Sabia que tinha de orar por meu marido, não praguejar ou puni-lo. A paz só voltaria ao nosso lar, quando eu desse o exemplo para minha família.

Eu estava levando a sério a mudança e orava com todas as forças que tinha. Imediatamente as coisas começaram a acontecer. Tom também começou a

mudar junto comigo. Como eu não mais fazia tantas exigências ou reclamações, Tom parou de praguejar. Deixou de brigar comigo, porque eu não mais revidava.

Tom nunca deixou de beber de todo. Morreu de câncer dois anos depois de eu ter descoberto a verdade sobre mim mesma. Mas o Pai Celestial havia-me ensinado o caminho do amor e da mansa persuasão — e nos abençoou, livrando nossos corações da discórdia.

Um dia Tom disse que iria descer à taverna local, mas apenas para tomar um refrigerante. Prometera-me que não tomaria nada de álcool durante todo aquele tempo.

Olhei-o nos olhos e disse: "Agora ouça, Tom. Quero que você saiba que, de agora em diante, eu confio em você. Não vou gritar quando você entrar. Não vou mais começar nenhuma violência. Você tem sua própria vida para viver. Eu tenho errado e estou arrependida por todas as coisas que disse ou fiz para magoar você. Só quero melhorar e conservar as coisas no rumo do Senhor."

Ele fingiu não ter escutado, pois era um homem orgulhoso. Mas eu sabia que havia tocado seu coração.

Toda a família seguia cada vez mais unida. Não estávamos em nenhum ponto próximo à perfeição, mas começamos a tentar viver do modo que o Senhor quer. Ainda estamos nesse processo inicial.

Nunca antes eu havia compreendido o verdadeiro espírito do evangelho. Custou-me um quase desastroso casamento e um instante de entendimento para perceber quão errada eu fora todos aqueles anos. Mas, quando meu coração mudou, "que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de alegria". (Alma 36:20.) ★

Violet M. Tate, mãe de onze filhos, reside no ramo de Audubon Delaware.

QUINZE ANOS: MEU ANO DE BÊNÇÃOS

Brenda Martinez

Lembro-me de 1967 como uma época de mudanças em minha vida, uma época de amadurecimento em diversos aspectos. Eu tinha quinze anos, e, em janeiro, havíamos descoberto que minha mãe estava esperando seu sexto filho. Ficamos todos exultantes, e mamãe não podia estar mais feliz.

Então, inesperadamente, minha mãe começou a ter um aborto. Meu pai levou-a ao hospital, onde lhe foi dado um medicamento forte para evitar o aborto. O médico informou a papai que, se o medicamento fosse eficaz, haveria uma grande possibilidade de que o bebê nascesse com algum problema físico ou mental.

Meu pai não contou isto a ninguém, nem mesmo a mamãe e, carregando tão pesado fardo, caiu em depressão. Ele era,

então, inativo na Igreja e não tinha um testemunho em que se apoiar. Mamãe foi perdendo o ânimo e, quando soube que ficaria confinada à cama durante o resto da gravidez, sua angústia aumentou ainda mais.

Senti intensamente a tristeza em nosso lar e, sendo a filha mais velha, achei-me responsável por fazer alguma coisa a respeito. Então, lembrando-me do conselho em Tiago 1:5, de pedir sabedoria a Deus, decidi orar.

Lembro-me de haver ajoelhado, em lágrimas, sozinha, rogando ao Pai Celestial que deixasse nosso bebê nascer, prometendo que nós o amaríamos e o trataríamos com carinho, que minha mãe não seria capaz de aceitar a morte daquele filho. Tão logo pronunciara essas palavras, senti u'a

mão quente e confortadora sobre meu ombro. Foi-me dito que tudo estaria bem. Parei de chorar e corri meio atrapalhada, ansiosa por contar a maravilhosa novidade à minha querida mãe!

Recordo-me de sua surpresa, no momento em que entrei no quarto. Ela havia mandado que todos saíssem. Não lhe dei tempo de dizer uma só palavra; eu estava muito emocionada. Quando terminei de contar-lhe minha experiência, ela chorou. Curvei-me, beijei-a e saí do quarto.

Mais tarde, ela me chamou para perguntar se eu me lembrava do que eu lhe dissera. Eu disse que sim e contei a história novamente. Ela olhou-me perplexa e disse: "O que mais?" Eu realmente não sabia o que ela queria dizer. Ela disse que, quando entrei no quarto, meu rosto parecia resplandecer. Disse-lhe que não tivesse medo, que nosso Pai Celestial sabia o quanto ela queria criar o bebê, que seu desejo lhe seria concedido, e a criança seria perfeita em todos os sentidos. Não me lembro de ter-lhe dito tudo isso, mas o Senhor sabia da sua necessidade de ouvi-lo.

Em 18 de maio, uma nova garotinha nasceu em nossa família.

Dois semanas mais tarde, contudo, mamãe estava de volta ao hospital. Tivera início uma forte hemorragia e ficou hospitalizada por mais de duas semanas.

Como a maioria das garotas de quinze anos, costumava pensar em romance, casamento e bebês. Mas nenhum de meus devaneios preparara-me para o que tive de enfrentar. Não só tinha de cozinhar para papai e as outras quatro crianças — desjejuns, almoços e jantares, como havia ainda a roupa para

lavar e um bebê de duas semanas para cuidar.

Às vezes eu pensava que não conseguiria dar conta, mas o vínculo com a garotinha recém-nascida tornou-se tão forte, que eu sentia como se fosse minha. Recordo-me de um dia em que algumas irmãs de nossa ala vieram ajudar, oferecendo-se para levar o bebê por algum tempo. Depois, porém, de tudo o que havíamos passado para ganharmos a pequenina, não deixei que a levassem e as mandei embora. (Foi difícil explicar minha atitude!) Mamãe chamou posteriormente as irmãs para explicar que eu estava muito cansada e que não tivera intenção de ser tão grosseira.

Como ficamos felizes quando mamãe voltou para casa! Ela encontrou uma garotinha bem gordinha (e por que não? eu pensava que, quando o bebê chorava, devia estar com fome e assim dava-lhe de comer a toda hora), e, apesar de mim, todos sobreviveram.

Aquela garotinha — agora com dezesseis anos — tem sido um conforto e alegria em nossa família. Ela economizava seu dinheirinho e, aos sete anos de idade, presenteou papai com Cr\$ 800,00, na esperança de que isso pagaria a viagem a uma clínica, para ser curado do desejo de fumar e beber. Foi o momento decisivo na vida de papai. Meus pais comemoravam agora o sexto aniversário de seu selamento no templo. Foi uma experiência maravilhosa ajoelharmo-nos e sermos selados como família. ★

Brenda Martinez, mãe de um filho, é professora de Educação Maternal na ala de Orange, Califórnia.



*Senti intensamente a
tristeza em nosso lar e,
sendo a filha mais velha,
achei-me responsável por
fazer alguma coisa a
respeito.*

O VERDADEIRO SERVIÇO CRISTÃO É RARAMENTE CÔMODO

*Elder Vaughn J. Featherstone
do Primeiro Quorum dos Setenta*

Recentemente estive num seminário para presidentes de missão. Tivemos reuniões o dia inteiro e depois tomei um avião de volta para a Cidade do Lago Salgado. Quando cheguei em casa, havia aproximadamente dezessete horas que estava acordado. Troquei de roupa para dormir e me deitei. Minha mulher e eu conversamos por alguns momentos; foi então que o telefone tocou.

Um amigo de infância, que eu conhecia desde os primeiros dias de escola, estava-me chamando. "Irmão Vaughn", disse com voz trêmula, "minha filha voltou para o hospital. Ela teve diversas crises fortes. Ela já parou de respirar duas vezes. Está tomando oxigênio, mas parece estar enfraquecendo rapidamente."

Perguntei se ela havia sido ministrada.

"Não, esperávamos que você pudesse vir abençoá-la."

Meu corpo físico estava cansado. Senti que havia merecido aquele descanso. Sabia também que minha mulher estava contente por me ter em casa por algum

tempo, e a carne vacilou. Contudo, o espírito sabia exatamente o que devia ser feito. Eu disse: "Joe, estarei aí em trinta minutos." Moramos a aproximadamente meia hora do Hospital da Universidade de Utah, na Cidade do Lago Salgado.

Virei-me para minha mulher e perguntei se ela gostaria de ir comigo. Minha nobre companheira disse que sim. Levantamo-nos, vestimo-nos e fomos para o hospital.

Abracei o amigo querido que eu conhecia há mais de quarenta anos. Entramos num pequeno quarto e juntamente com os membros da família, unimo-nos em uma oração com grande fé.

Então Joe e eu fomos à unidade de terapia intensiva, e dei uma bênção à sua filha. Rogamos ao Senhor por ela e sentimo-nos tomados da doce e tranqüila certeza de que ele cuidaria dela. Na hora, fiquei imaginando se continuaria viva até o fim da bênção.

Minha querida esposa esperou no carro. Fomos para casa e não estávamos mais cansados, mas profundamente gratos por sermos suficientemente dignos



Fiquei imaginando o que minha mulher diria, quando chegasse em casa de uma conferência de estaca trazendo um menino de dois anos e meio.

para alguém nos pedir ajuda. Na época da elaboração deste artigo, a filha de Joe está viva. Ela é um milagre.

As oportunidades de atos de serviço cristão nem sempre aparecem em horas convenientes. Há aproximadamente dois ou três anos, eu estava no sudeste da Califórnia, a fim de reorganizar uma estaca. No exato momento em que me preparava para ir ao aeroporto, onde poderia descansar, aproximou-se de mim uma senhora já madura e disse: "Élder Featherstone, o senhor vai voltar para a Cidade do Lago Salgado hoje?" Respondi que sim. Ela continuou; "Vai no vôo das quatro horas?" Respondi que ia. Então ela disse: "Importaria de me fazer um favor?" Imediatamente pensei no desafio que havia acabado de enfrentar e que meu corpo físico pedia uma pequena pausa. Supus que desejava que eu levasse alguma coisa para seus parentes. Eu nunca despacho a bagagem, a menos que seja absolutamente necessário. Fiquei imaginando se teria de despachar o que eu supunha que aquela irmã

pretendia mandar por meu intermédio. Pensei na espera para retirar o pacote no bagageiro; depois, imaginei onde ele precisaria ser entregue. Apenas uma ponderação de momento e, como sempre, o espírito repeliu aqueles pretextos vãos e respondi como deveria um líder disposto a servir.

Disse: — Será um prazer ajudar em tudo o que for possível. Então, a mulher explicou: — meu neto Phillip ficou comigo durante duas semanas. Que acha de tomar conta dele até a Cidade do Lago Salgado? Ele tem dois anos e meio. A mãe dele o estará aguardando no aeroporto. Combinamos que nos encontraríamos no aeroporto de Los Angeles, onde a avó me apresentou a Phillip. Antes de embarcarmos, ela disse: — Aqui está um envelope. Gostaria de que o abrisse só no avião. Mais tarde descobri o motivo de seu pedido.

Phillip e eu embarcamos.

Procurei em meu bolso e abri a carta da avó, que dizia mais ou menos assim:

"Prezado Élder Featherstone.

Agradeço-lhe por levar Phillip de volta para a Cidade do Lago Salgado e tomar conta dele por nós. Ficamos gratos por isso. A mãe dele estará no aeroporto para encontrá-lo, mas, se não estiver lá, então, eis o que deverá fazer.

Em seguida havia escrito: "A razão pela qual não me atrevi a deixar que abrisse a carta antes do embarque, é que não tive coragem suficiente de pedir-lhe mais outro favor. O irmão de Phillip, Ricky, está no Hospital da Universidade de Utah. Ele tem tido crises seguidas, muitas num só dia. Os médicos não sabem mais como agir. Já fizeram tudo o que sabem, mas o problema continua. Acha que poderia encontrar tempo para ir ao hospital e dar-lhe uma bênção?"

Chegando na Cidade do Lago Salgado, não havia ninguém nos esperando. Andamos por todo o terminal; mesmo assim, não houve quem reconhecesse

Phillip. Descemos a escada rolante, passamos pela entrega de bagagens e saímos para a rua. Já fiz algumas coisas estranhas em nosso casamento mas fiquei imaginando o que minha mulher diria, quando chegasse em casa de uma conferência de estaca trazendo um menino de dois anos e meio.

Olhei em volta e parei em pé com Phillip por um momento; em seguida, sua mãe chegou, dirigindo um carro e parou perto de nós. Havia-se atrasado devido a um grande congestionamento a caminho do aeroporto. A encantadora mãe era muito simpática e apanhou um Phillip sorridente, acomodando-o com toda a sua bagagem no carro.

Pouco depois, encontrava-me numa das enfermarias pediátricas do Hospital da Universidade de Utah. Havia cerca de seis crianças em berços. Uma servente estava limpando o chão, e, logo depois deixou o recinto, ficando eu sozinho naquele quarto de hospital com seis lindas crianças.

Verifiquei qual era a cama de Ricky e inclinei-me, dizendo: — Meu nome é Vaughn Featherstone. Sabe quem eu acabei de deixar? Ele disse: — Não. Então retruquei: — Estou chegando de Los Angeles e trouxe seu irmão Phillip. Prometi-lhe que viria aqui para ver você. — Ricky tinha uns quatro anos apenas, mas lágrimas vieram aos seus olhos. Ele sentia saudades de seu irmãozinho.

Depois, eu lhe disse: — Ricky, sou um amigo do Presidente Spencer W. Kimball e ele ama você. O Presidente Kimball é um profeta. Sua avó me pediu que lhe desse uma bênção. Você sabe o que significa, quando alguém põe as mãos sobre a sua cabeça e dá a você uma bênção? Ele disse: — Sim. Então falei: Ricky, sabe que Jesus ama você? Sabe que Jesus pode curar você? — Ele respondeu: — Sim. Então perguntei: — Gostaria de que eu lhe desse uma bênção para sarar? — Sim, — ele disse.

Impus as mãos sobre sua cabeça e dei-lhe uma bênção. Uma coisa interessante aconteceu naquela pequena enfermaria pediátrica. As outras crianças pararam de brincar ou chorar, parecendo prestar atenção.

Quando terminei a bênção, procurei no bolso e apanhei uma pedra lindamente polida com meu nome gravado nela que alguém me havia ofertado. Dei-a a Ricky, a fim de que, quando sua mãe viesse, ela soubesse que eu havia estado lá.

Dois anos depois, estando na Estaca Tennessee Kingsport, uma linda e jovem mãe veio falar comigo após a conferência. Disse-me que fora a sua mãe que me havia pedido que cuidasse de Phillip e abençoasse Ricky. Depois, perguntou: — o Senhor chegou a saber os resultados de sua bênção? Respondi que não. Então, ela compartilhou comigo o grande milagre: — Ricky não teve outra crise desde que o Senhor lhe deu aquela bênção.

Não foi cômodo levar Phillip para casa, tampouco ir ao Centro Médico da Universidade de Utah; mas, foi o que teria feito Jesus. Ao servirmos, devemos ter sempre em mente a pergunta: "O que Jesus faria?"

Recentemente recebi um telefonema de um bom amigo, comunicando-me a morte do pai. Expressei minha solidariedade e perguntei-lhe quando seria o funeral. Ao me informar, olhei meu calendário e disse: — Gostaria muito de estar no funeral para homenagear seu grande pai e expressar meu amor e solidariedade a sua mãe. Entretanto, estou-me preparando para deixar a cidade a serviço e estarei extremamente ocupado nesse dia. — Ele disse: — Bem, conversamos sobre isso e pensei que sua agenda estaria repleta para pedir-lhe que falasse, mas papai sugeriu que, se estivesse disponível, talvez o fizesse. — É interessante como, de repente, tudo em minha agenda pôde ser acomodado.

Prometo-lhes que a maior parte do serviço que vocês oferecerem ao Senhor virá em horas não muito oportunas.

Disse-lhe: — Avise sua mãe que lá estarei. Depois do funeral, recebi uma carta da qual citarei apenas um parágrafo:

“Há poucos meses, meu marido soube que seu tempo aqui nesta terra chegava ao fim. Um dia, quando estávamos conversando, perguntei-lhe quem ele gostaria de que falasse no seu enterro. Disse ele: ‘Certamente gostaria de que fosse o Irmão Featherstone, mas sei que ele é tão ocupado, que isto não será possível.’ Então continuei mencionando alguns outros bons irmãos. Quando soube que viria falar, derramei muitas lágrimas de alegria. Não podia acreditar que, com tantos outros deveres e responsabilidades, você viria.”

Percebi, então, o que aquele préstimo de minha parte significara para ela. Ela terminou assim: “Fico maravilhada como o Senhor pode ser tão bom para mim.”

Agora, você e eu compreendemos que não foi o fato de Vaughn Featherstone ter falado no funeral, mas o desejo realizado de seu falecido marido que a encheu de

amor ao Senhor.

Meus jovens amigos, pensem em todas as oportunidades que vocês terão de servir em momentos inconvenientes. Prometo-lhes que a maior parte do serviço que oferecerem ao Senhor, virá em horas não muito oportunas para vocês. Pensem em algumas delas:

Ser chamado para cumprir uma missão de dezoito meses, exatamente no meio de seus estudos, namoro e treinamento profissional.

Um chamado para servir na ala, quando vocês têm um nível escolar a manter e uma vida social a preencher.

Um convite para falar na Igreja.

Visitas de mestre familiar.

Freqüentar o seminário, que em muitas estacas começa às seis horas da manhã, e não num horário conveniente.

Visitar um amigo doente no hospital.

Auxiliar na campanha eleitoral de um(a) amigo(a) na escola.

Alguém com um pneu furado ou outros problemas com o carro na estrada. Geralmente, não acontece em horas comuns de se parar.

Eu poderia citar muitas das outras oportunidades que podem surgir para todos nós durante a vida; mas, a maioria das vezes, em horas incômodas. Vocês poderão decidir que estão ocupados demais; mas isto, geralmente, é mera desculpa. O velho ditado: “Quando quiser encontrar o serviço feito, encontre um homem ocupado para fazê-lo”, ainda é correto. Nascermos para servir o próximo.

Meus amados jovens amigos, decidam servir uns aos outros. Ouçam o espírito, quando seu corpo físico estiver fraco. Na verdade, disse o Mestre: “Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:40.) As bênçãos serão dez vezes maiores, se realizarmos esses bons e generosos atos de serviço cristão, quando não nos é conveniente. ★

COMO MEU DIÁRIO AJUDOU EM MINHA CONVERSÃO

Stella Marie McAnally

Sou um membro novo da Igreja e, honestamente, sei que meu diário foi um dos fatores que me ajudaram a, finalmente, aceitar o desafio batismal.

Entrar para a Igreja foi muito difícil para mim. Talvez tenha sido a coisa mais difícil que já fiz. Sou do tipo de pessoa que precisa estar um por cento segura sobre suas decisões. Sempre investiguei minuciosamente uma situação antes de tomar uma decisão.

A primeira vez que ouvi o evangelho, achava-me na cidade de Quebec, Canadá, num programa de estudo da língua francesa. Estava hospedada na casa de uma família que falava francês, junto com duas bonitas garotas SUD. Na época, fiquei um tanto perturbada com a situação, pois era católica praticante e havia sido prevenida contra os santos dos últimos dias. Tendo sido criada da maneira que fui, aprendera também a tirar o melhor partido de toda situação e tentar aceitar a todos. Assim, fiz exatamente isso e, antes que o soubesse, eu estava pesquisando a Igreja. As duas garotas sabiam que o Espírito estava operando em mim e recomendaram-me com insistência que eu escrevesse o que sentia, sem me importar com quão malucos me parecessem meus

sentimentos ou contrários àquilo em que eu acreditava. Naquela época, não entendi o por quê, mas aderi, porque eu as admirava e confiava nelas. Encontrei-me escrevendo avidamente:

Recebi a primeira palestra hoje. Não sei o que aconteceu comigo. As coisas que os missionários me disseram, não são aquilo em que venho acreditando nos dezoito anos de minha vida; mas, de algum modo, eu me sentia acreditando nelas. Fiquei perturbada com as coisas que me diziam. Achei-me estranha durante todo o tempo em que eles falaram comigo. Às vezes, sentia calafrios percorrendo-me a espinha. Querido Senhor, alguma coisa está acontecendo comigo e não consigo entender o que é — SOCORRO!

O Senhor me ajudou e, quanto mais longe íamos com as palestras, mais eu sabia que aquele evangelho era verdadeiro. Sentia que deveria estar rejeitando o que me ensinavam, mas, dentro de mim, bem lá no fundo, eu sabia da sua veracidade e continuei anotando o que sentia intimamente no papel. Antes que soubesse, eu tinha um testemunho da Igreja. Estava tão animada, que telefonei para casa e disse a meus pais que pretendia batizar-me. Eles imploraram que eu esperasse até voltar

para casa. Relutantemente concordei. Naquela noite, chorei amargamente por causa do meu desapontamento, e escrevi em meu diário:

Sinto-me muito triste e deprimida. Orei fervorosamente sobre minha decisão. Sei em meu coração que o evangelho é verdadeiro. Sei que Joseph Smith foi um profeta e que temos um profeta vivo hoje. Acredito em todas as coisas que aprendi e quero de todo o meu coração, desesperadamente, ser batizada. Sei que minha alma não descansará enquanto não o for. Sei que estou sendo chamada e não serei inteiramente feliz até que dê esse passo.

Fui sincera ao escrever aquilo e sinto que Deus estava-me inspirando para o futuro. Eu realmente queria ser batizada; mas, quando voltei para casa, meus pais pensaram que eu havia sido doutrinada à força pelos santos dos últimos dias e fizeram tudo o que podiam para me dissuadir. O pior de tudo foi que me rendi a eles. Perdi contato com todos os meus amigos SUD e deixei meu testemunho morrer. Em determinado ponto de minha vida, não queria mais nada com os santos dos últimos dias e não mais acreditava na sua doutrina. Mas aquela voz mansa e delicada dentro de mim, continuou instando-me a escrever em meu diário. Certa ocasião, escrevi:

Sinto-me vazia, não me acho completa; está faltando alguma coisa. Por que me sinto como se estivesse procurando alguma coisa em que me apegar? Estou perdida; preciso desesperadamente de uma orientação. Meu testemunho foi destruído. Sinto que deveria apegar-me às minhas crenças católicas, mas não sei o que fazer.

Bem, embora não fosse uma oração completa, o Senhor ouviu meu apelo. Minha amiga de Quebec telefonou para saber como estavam as coisas. Tentei esconder meus sentimentos, mas ela percebeu o que estava errado. Insistiu em que fosse à Igreja. Finalmente, disse-lhe

que eu não mais acreditava e não queria mais nada com a Igreja. Ela compreendeu que aquilo era uma desculpa também. Disse-me que sabia que eu tinha um testemunho; ele só precisava ser reavivado. Disse que me amava muito e queria muito que eu fizesse as coisas certas. Conversamos um pouco mais, e a última coisa que me disse foi que eu voltasse a ler no meu diário o que havia escrito. Alguma coisa aconteceu comigo. Senti aquele conforto doce e tranquilizador do Espírito. O Senhor sabia que eu queria muito acreditar, mas que havia muitos obstáculos em meu caminho.

No dia seguinte, fui à Igreja contra a vontade de meus pais. Eu estava muito assustada, mas, naquele momento, algumas garotas da ala perceberam que eu era nova e me fizeram sentir bem-vinda. Depois de muitas noites sem dormir e longas discussões, fui finalmente batizada. O que realmente me ajudou, quando eu mais precisava, foi o meu diário. Disse a mim mesma: Devo ter sentido essas coisas, do contrário não as teria escrito." Mesmo quando não acreditava, eu sabia que o Senhor me induziria a escrever o que eu sentia na hora. Meu diário salvou-me. Foi um meio que o Senhor usou para se comunicar comigo; era algo em que eu sabia que deveria confiar, pois tinha vindo dele.

Sou muito grata pelo conselho da Igreja e por avisarem-nos a mantermos um registro de nossas experiências. Tenho um testemunho de sua importância e sido abençoada com paz e força por assim proceder. Posso medir meu progresso e crescimento, e ver como o Senhor tem atuado em minha vida, simplesmente escutando a pequena voz dentro de mim. Sei que a Igreja é verdadeira e, quando em dúvidas, tenho uma fonte de primeira mão a que recorrer, a fim de me assegurar de sua veracidade. ★



